



**Entre o esforço de lucidez e o escrever em não:
espaço-tempo de resistência em Argumento e Almanaque -
revistas culturais brasileiras dos anos 1970**

*Between the effort of lucidity and writing in no:
space-time of resistance in Argumento e Almanaque - Brazilian
cultural magazines of the 1970s*

Claudia Lorena Fonseca

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil

fonseca.claudialorena@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-4787-0575>

Resumo: Neste estudo, que tem por objeto as revistas culturais brasileiras da década de 1970, nos dedicamos a analisar duas das mais conhecidas publicações periódicas que surgiram e circularam no período: *Argumento* – revista mensal de cultura e *Almanaque* – cadernos de literatura e ensaio, pelos vínculos que se evidenciam entre elas e pela situação particular de cada uma dessas publicações no que concerne a seus projetos editoriais e a relação com os mecanismos de censura. Nosso objetivo é, a partir desses elementos, verificar como se posicionaram e de que forma as opções que fizeram foram determinantes para possibilitar ou impedir sua circulação. Além disso, nos interessa observar de que maneira se colocavam frente à repressão e como puderam, a exemplo de muitas outras antes delas, mesmo em conjuntura adversa - ou mesmo por conta disso, estabelecer redes e fomentar um diálogo intelectual que transcende o âmbito do território nacional, contribuindo à integração latino-americana. Para tanto, fundamentamos nossa análise nos estudos de teóricos tais como Beatriz Sarlo; Horacio Tarcus; Pablo Rocca e Maria Lucia Camargo.

Palavras-chave: Revistas culturais brasileiras; Anos 1970; *Argumento*; *Almanaque*.

eISSN: 2358-9787

DOI: 10.17851/2358-9787.42.67.248-269

Abstract: In this study, which has as its object the Brazilian cultural magazines of the 1970s, we are dedicated to analyzing two of the best-known periodicals that emerged and circulated during the period: *Argumento* – revista mensal de cultura, and *Almanaque* – cadernos de literatura e ensaio, by the links that are evident among them and by the particular situation of each of these publications with regard to their editorial projects and their relationship with censorship mechanisms. Our objective is, based on these elements, to verify how they positioned themselves and how the choices they made were decisive in enabling or preventing their circulation. In addition, we are interested in observing how they position themselves in the face of repression and how they could, like many others before them, even in adverse circumstances - or even because of that, establish networks and foster an intellectual dialogue that transcends the scope of national territory, contributing to Latin American integration. Therefore, we base our analysis on the studies of theorists such as Beatriz Sarlo; Horacio Tarcus; Pablo Rocca and Maria Lucia Camargo.

Keywords: Brazilian cultural magazines; 1970s; *Argumento*; *Almanaque*.

1 Introdução

As revistas culturais e literárias como fenômeno da imprensa não oficial, ou não institucional - com a qual desde sempre estiveram vinculadas, experimentaram um momento de particular relevância durante o período compreendido pelos anos mais duros da ditadura civil-militar, instaurada no país a partir do golpe de 1964, intensificada em 1968 pelo Ato Institucional nº 5. A década de onze anos (SANTIAGO, 1980) testemunhou o nascimento e desaparecimento de dezenas de publicações do gênero, entre revistas, jornais e semanários, além de outras formas ainda mais efêmeras que estas, muitas vezes também ainda mais precárias. Foram tempos particularmente pródigos nesse sentido, apesar das dificuldades decorrentes da ação da censura impetrada pelo Estado, somadas àquelas tradicionalmente enfrentadas por esse gênero de publicações. De fato, no cenário conturbado do período, tais iniciativas do campo cultural-jornalístico representavam uma ameaça ao poder autoritário instituído, considerando-se a função que exerciam - e sempre exerceram - no que diz respeito à capacidade de penetração nos meios

sociais, a qual se soma àquelas explicitadas em seus editoriais e pela voz de seus idealizadores. É o que ocorre com parte considerável das revistas do período no Brasil. Portanto, ao considerarmos o papel das revistas e demais publicações culturais periódicas, destacamos aquele que estas exercem especialmente em determinados contextos e períodos: o de resistência, o qual ultrapassa aquelas funções que a princípio seriam as convencionais ou evidentes, as que se esperam delas.

Vinculadas a grupos de intelectuais e coletivos (TARCUS, 2021) e comprometidas com o tempo presente (SARLO, 1992; ROCCA, 2004), com o contexto que diz da sua especificidade ou função dentro deste - seu desejo de intervenção -, não surpreende que assim seja, considerando-se o fato de que se configuram como mediadoras de cultura (MORAÑA, 2003). Claro está que, quando falamos em resistência, não nos referimos apenas à resistência *política*, mas também ao papel transformador que esse gênero de publicações exerce no âmbito dos mais diversos campos e segmentos da sociedade. Essa motivação e seus propósitos aparecem disseminados na totalidade dos conteúdos veiculados pelas revistas, mas também - e especialmente - em seus editoriais, apesar da importância relativa dada a eles por teóricos como Beatriz Sarlo (1992), por exemplo, que os crê pouco confiáveis.

É sempre um *preencher o vazio*, uma função transformadora, e sempre uma posição engajada, seja ela uma alma anárquica ou não, o que manifestam os grupos envolvidos no “fazer uma revista” em seus editoriais, caso, por exemplo, das paulistas *Argumento* e *Almanaque*, ou outras, como a carioca *Anima*, a qual surge quando já caminhávamos para o final dos anos 70, mais voltada às questões do texto literário; caso, sobretudo, das revistas mais politicamente engajadas. Mesmo uma revista *improvável* como a também paulista *Religião e sociedade*, que aparece em maio de 1977, e que se propõe acadêmica, se posiciona dessa forma - a começar por seu primeiro editorial e pelo viés engajado, assumindo uma posição de veículo de transformação da sociedade a partir do pensar racional sobre o que a princípio não seria do terreno da racionalidade. Exemplar também no que diz respeito à importância desses manifestos editoriais é o caso da *Oitenta*, revista gaúcha que começa a circular na virada da década, em 1979, e que não teve trajetória especialmente marcante, entre outros motivos provavelmente por não apresentar um projeto editorial consistente. É um dos raros casos de publicação periódica que não apresenta sua proposta no editorial do primeiro número publicado. Nesse caso, nunca houve um editorial.

Os anos 1970 no Brasil foram, portanto, pródigos em revistas de intervenção - embora de alguma maneira todas sejam - mas principalmente em iniciativas de resistência ao regime, em sua quase totalidade no âmbito da imprensa alternativa, configurando-se em um fenômeno jornalístico, espaço de manifestação e atuação políticas e de comprometimento efetivo com as realidades latino-americanas e suas revoluções político-sociais. Se ao final desse período a direção do resistir mudava um pouco de aspecto, no que diz respeito ao que se propunham os periódicos literário-culturais - indo em direção à revolução social/cultural/comportamental que seguia seu curso, no auge da ditadura militar estes representaram uma das mais efetivas possibilidades de resistência.

Ao recensear a década de onze anos, a partir de seus principais temas, a *Folha de São Paulo* lança, no ano de 1979, um conjunto de edições especiais do seu caderno cultural *Folhetim*, e o panorama que se desenha é revelador e ilustrativo não apenas da sociedade na última década, mas também do que se esboçava nesse sentido para os anos que se seguiriam. Não há um número específico dedicado às revistas do período - embora o aparecimento e desaparecimento destas fosse então notícia nos jornais diários, mas o número vinte da série se debruça sobre o tema *Imprensa*, incluindo-se aí a censura que sofreu o setor jornalístico em todos os níveis. E é sobre as formas e soluções adotadas pelos periódicos no intuito de contornar ou amenizar os efeitos e as consequências da censura - permitindo assim a sua circulação, que nos propomos abordar neste estudo.

Destacamos especificamente duas das mais conhecidas revistas que surgiram e circularam no período: *Argumento* - revista mensal de cultura e *Almanaque* - cadernos de literatura e ensaio, pelos vínculos que se evidenciam entre elas e pela situação particular de cada uma dessas publicações no que concerne a seus projetos editoriais e a relação com os mecanismos de censura. Nosso objetivo é, a partir desses elementos, verificar como se posicionaram e de que forma as opções que fizeram foram determinantes para possibilitar ou impedir sua circulação. Além disso, nos interessa observar de que maneira se colocavam frente à repressão e como puderam, a exemplo de muitas outras antes delas, mesmo em conjuntura adversa - ou mesmo por conta disso, estabelecer redes e fomentar um diálogo intelectual que transcende o âmbito do território nacional, contribuindo à integração latino-americana.

2 A outra forma: tudo que a lucidez revela

A natureza social tem horror ao vácuo cultural e tende a preenchê-lo de uma forma ou de outra. [...] Nascermos sem ilusões e não está em nosso programa nutri-las. A independência custa caro e não encoraja as subvenções. Não temos propriamente o que vender mas nos achamos em condições de propor um esforço de lucidez. Esta não é artigo de luxo ou de consumo fácil mas em qualquer tempo é alimento indispensável pelo menos para alguns. Sua raridade é, aliás, sempre provisória; tudo que a lucidez revela tende a se transformar em óbvio.

Contra fato, há argumento.

(Trecho do Editorial Revista *Argumento*, n. 1, outubro de 1973, p. 1)

Em um contexto de repressão política e de violência institucional que se encontra em seu momento mais intenso, *Argumento. Revista mensal de cultura* surge com uma proposta explícita: ser “um veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira”¹, posicionando-se claramente em oposição ao regime e à censura, embora seu editorial não expresse abertamente essa posição. A partir de cuidadosa escolha de palavras, o grupo responsável pela publicação deixa entrever que estão cientes de que poderão ser censurados e impedidos de levar adiante seu projeto. A referência feita no editorial à mão dura do Estado, em “os obstáculos que eventualmente encontrarmos”, ou em “a limitação de nosso campo poderá ainda ser restringida”, não deixa margem a dúvidas.

Sua pretensão é a de preencher uma lacuna, combatendo a acomodação e o arrivismo, buscando se constituir em um espaço de independência e liberdade de pensamento no âmbito da América Latina, conhecidas as circunstâncias que fazem com que outras nações do continente vivam também uma realidade que pouco difere da brasileira, não apenas naquele momento. Nesse sentido, a ideia de seus idealizadores era fazer com que a revista fosse “um ponto de encontro

¹ Neste estudo, as citações extraídas dos editoriais das revistas com que trabalhamos aparecerão entre aspas, mas sem numeração de página, por figurarem sempre a mesma e única página, sendo explicitado apenas o número da revista e, eventualmente, o mês e ano de publicação, quando necessário ou relevante.

com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente”, como manifestam em seu primeiro editorial: uma “publicação de cunho e âmbito latino-americanos”, segundo afirmaria Antonio Candido (2001, p. 263) em esclarecedor ensaio - quase vinte anos após o fim da revista, para a obra *Literatura e História na América Latina*, de Ligia Chiappini e Flávio Aguiar. E provavelmente seja esse o grande diferencial da publicação em relação a outros periódicos de natureza semelhante do período, o fato de se propor a efetivamente integrar Brasil e os demais países do continente latino-americano a partir de um diálogo entre a intelectualidade dessas nações, iniciativa de Antonio Candido, em especial, um dos principais nomes do grupo responsável por *Argumento*. Ideia que talvez esteja expressa, intencionalmente ou não, no sumário de seu número um, o qual não traz o nome dos seus colaboradores.

Fato que também é interessante destacar em relação ao texto de apresentação da revista, é que, apesar de terem muito clara sua motivação, seus responsáveis talvez não estejam muito certos de como irão fazê-lo, pois que sua proposta se apresenta como *aberta*, o que se pode entender a partir da afirmação de que pretendem que *Argumento* preencha o vácuo cultural do momento, e que o farão de “outra forma, a que se definirá no percurso de nosso grupo”. Formavam esse grupo, além de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Correa Welfort, Luciano Martins, Paulo Emilio Salles Gomes, como editores, ou “comissão de redação”, conforme consta na página de créditos da revista, e colaboradores, como Roberto Schwarz e Otto Maria Carpeaux, no Brasil, mas também estrangeiros, especialmente uruguaios, argentinos e chilenos, além de seu diretor responsável, Barbosa Lima Sobrinho.

O grupo de *Argumento* e seus colaboradores estão cientes das dificuldades que irão enfrentar e possivelmente sabem que seu projeto não irá longe. No entanto, “sempre haverá um papel a ser cumprido pelo intelectual que resolva sair da perplexidade e se recuse a cair no desespero”. Seus fundadores tampouco são editores estreantes na modalidade, considerando-se que entre eles estão alguns daqueles que integraram o grupo que levou a cabo a proposta da revista *Clima*, fundada em São Paulo, no início dos anos 1940, por Antonio Candido, Paulo Emilio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado e Décio de Almeida Prado, então estudantes, periódico que inspirou boa parte das revistas e suplementos surgidos posteriormente, direcionados, em geral, a um público de intelectuais e estudantes universitários, tal como se verifica em

Argumento, pois é inegável que o conteúdo que veicula se apresenta com um formato que privilegia o ensaio acadêmico. Nesse sentido, olhando em retrospectiva, podemos dizer que *Argumento* se encontrava a meio caminho entre a revista cultural e a acadêmica, apenas que era a *nossa* revista, de um grupo de amigos, intelectuais vinculados à Universidade de São Paulo (USP), os quais acreditavam em seu papel social transformador. Além disso, diferente de outras publicações que sofriam a falta ou mesmo ausência de recursos, estava vinculada a uma editora comercial, a Paz & Terra, do Rio de Janeiro, embora fosse impressa em São Paulo por outra gráfica e editora, o que talvez explique o seu formato livro, e não o de revista propriamente dita, como costumava ser, ou mesmo o de tabloide, menos comum, pelo que logo percebemos não se tratar de uma revista de bancas tradicional e que seu público é específico.

Argumento surge em outubro de 1973 e teve quatro números publicados. Circulou até fevereiro de 1974, mensalmente, com *férias* em dezembro de 1973. Nesse mesmo mês de dezembro morre Anatol Rosenfeld, figura importante dentro do grupo idealizador da revista e, talvez também por esse motivo, ou por questões de readequação das estratégias para driblar a censura, ou mesmo pelos problemas enfrentados por seus editores desde a publicação de seu primeiro exemplar - ou pela soma dessas razões, a revista tenha deixado de circular. Seu número três foi em parte recolhido depois de lançado, enquanto o número quatro estava no prelo. Não causa surpresa a ação de censura à revista, considerando-se que seu terceiro número ultrapassa a tiragem de 25.500 para 45.500 exemplares, evidenciando seu poder de alcance e influência. Seu segundo número traz mais anúncios publicitários e textos dedicados à cena cultural que o número anterior, no entanto, é uma edição que se posiciona ideologicamente de forma mais incisiva. Já o terceiro número se retrai um pouco nesse aspecto, e o número quatro, em sua capa, destaca o tema *futebol*. O que nos faz pensar que seriam estratégias que, com sorte, poderiam confundir a censura, permitindo sua circulação.

Sobre *Argumento* há muitos trabalhos que aprofundam aspectos relevantes², os quais se concentram sobretudo em sua natureza, bem como

² Entre os quais os estudos “*Argumento: literatura e cultura nos anos 70*” (2014) e “*Contra fato há argumento*” (Dissertação de Mestrado, 2001), de Débora Cota, e “*Sem 2 Argumento: um projeto intelectual quase esquecido (revista Argumento, Brasil, 1973)*”, de Beatriz de Moraes Vieira (2016).

no papel que representou em seu momento, além do fato de que, tendo uma figura de referência da crítica literária brasileira como Antonio Candido entre os seus líderes, justificam-se tantas investigações a ela dedicadas. Talvez essa proliferação de estudos também se deva ao fato de que se trata de uma das raras revistas a que se pode ter acesso com mais facilidade, dado que não é difícil encontrar exemplares seus nos sebos brasileiros, diferente do que ocorre com a maioria das publicações do gênero, às quais o acesso é quase restrito a algumas bibliotecas de universidades do centro do país. Alguns desses trabalhos destacam aquele que consideramos talvez o mais importante: seu papel de criação e fortalecimento de vínculos com o pensamento latino-americano de maneira abrangente e efetiva.

As palavras para *Argumento* são: *sociedade*; *(sub)desenvolvimento*; *Brasil*; *América Latina*; *dependência cultural*, temas recorrentes em seus quatro números, a partir de aspectos que vão do político-social ao econômico, além dos culturais. A literatura se faz presente, não a ficção ou a poesia, mas o ensaio, predominantemente acadêmico, e a crônica. Também o cinema, o teatro, exposições de arte, são temas recorrentes, caracterizando-a como uma revista cultural de fato. Imagens não são privilegiadas na publicação: alguns artigos trazem fotos ou ilustrações - inicial, em geral, e quase sempre *de encomenda*; outros trazem mais imagens, em especial quando o tema é cinema, teatro ou, justamente, exposições fotográficas ou o trabalho de um fotógrafo. Mas a revista não se configura como veículo de difusão de uma *estética*.

“Não temos propriamente o que vender”, afirmam seus editores em seu primeiro editorial, “mas nos achamos em condições de propor um esforço de lucidez”, que é o que se verifica, justificando a opção pela forma ensaio. E são vários os textos referenciais da crítica latino-americana publicados na revista, inclusive alguns que aparecem pela primeira vez em português, como “Literatura e subdesenvolvimento”³, de Antonio Candido, ou “Um processo autonômico: das literaturas nacionais à Literatura Latino-americana”⁴, de Ángel Rama, por exemplo, para ficarmos no âmbito

³ Publicado pela primeira vez em 1970, em francês (tradução de Claude Fell) para *Cahiers d'Histoire Mondiale*, Unesco, v. XII, n. 4; e em 1972, em espanhol, na obra *América Latina en su literatura*, coordenada por César Fernández Moreno. México: Unesco/Siglo Veintiuno.

⁴ Em espanhol aparece, quase ao mesmo tempo, em 1974, na obra *Homenaje a Ángel Rosenblat en sus 70 años*. Estudios filológicos y lingüísticos. Caracas: Instituto Pedagógico.

do literário e citando apenas os nomes de duas das principais figuras envolvidas com o projeto de *Argumento*, os quais estabeleceram uma relação de amizade e de troca intelectual intensa e profícua, responsáveis, entre outras iniciativas, pela criação do Centro Ángel Rama, da USP, e pela tradução de seus estudos, publicados em ambos os países, além de efetivar a presença brasileira na Coleção Biblioteca Ayacucho, idealizada e concretizada por Rama, estreia do Brasil nesse tipo de iniciativa, segundo o próprio Candido (2001, p. 263). Esse intercâmbio nos legou também um epistolário publicado em livro⁵. No entanto, não apenas intelectuais do campo das letras formavam o grupo de editores ou de colaboradores, há um número expressivo de sociólogos no grupo da revista, economistas, filósofos, sendo perceptível seu comprometimento político, vinculado ao pensamento de esquerda do período na América Latina.

A publicação apresenta-se, portanto, como crítica, como argumento que se opõe aos fatos: “Contra fato, há argumento”, contrariando o senso comum. E qual fato? Os fatos do momento, a realidade, o fato-força, que não há como ignorar. Assim, seu título apresenta duas possibilidades de leitura, que não necessariamente se excluem, embora uma delas não seja explícita: pode ser lido como *argumento*, propriamente dito, a partir do que nela é veiculado, visando persuadir no sentido de propiciar as necessárias mudanças e a reflexão; ou pode-se considerar seu subtítulo, relacionando *fato* a *argumento*, invertendo o sentido comumente atribuído às palavras. Demonstra-se a potência que têm argumentos convincentes – a razão, contra a versão oficial dos fatos - a força. Teria tido sucesso ao fazê-lo? Teriam se cumprido seus propósitos? Acreditamos que sim, apesar do pouco tempo de circulação da revista, sobretudo se considerarmos sua tiragem expressiva. Podemos dizer também que ultrapassou seus propósitos, estabelecendo um padrão de publicação voltada para a academia, buscando argumentar, a partir do pensamento acadêmico, em favor da sociedade. É evidente que *Argumento* não se configura como uma publicação *típica* do período, seu tom era contido, sóbrio, tratando com seriedade e circunspeção os temas abordados. Seu

⁵ *Un proyecto Latinoamericano. Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*. ROCCA, Pablo (org.) Montevideo: Estuario, 2016; *Conversa Cortada: a Correspondência entre Antonio Cândido e Ángel Rama - O Esboço de um Projeto Latino-Americano* (1960-1983). ROCCA, Pablo (org.). Trad. de Ernani Ssó. São Paulo: Edusp, 2017.

posicionamento é claro, e certamente esse é um dos motivos do seu fim, interrompida que foi pelos mecanismos de repressão.

Na capa externa final do quarto número anuncia-se o seu número cinco, indicando o nome dos colaboradores dessa próxima edição, que “vai estar” nas bancas em “2 de março”, mas esta jamais aparecerá. Supõe-se que a teriam pronta. Sabemos por que não saiu.

3 Procure, sim, leitor

Idos de outubro

Deusinho das asas de ouro
terror da ordem
motor primeiro do mundo
furor vital de comunhão
- ora profanado –
valei-nos:
Thánatos aperta seu cerco

Valei-nos
Na hora de nossa morte

Agora

25/10/75

O poema de Walnice Galvão, publicado em *Almanaque*, é o primeiro poema da edição de número um de *Almanaque. Cadernos de Literatura e ensaio*. Datado e assinado por sua autora, aparece à página vinte e cinco, e não se trata de um simples ‘poema da coordenadora do periódico, que resolveu divulgar seus dotes literários’. O poema em questão tem data: 25/10/75. Dia do assassinato de Vladimir Herzog, encontrado morto em uma cela do DOI-CODI, naquela data. Sua morte, além da forte comoção causada, representa uma mudança de rumos políticos no país - ou de aceleração de um processo de transição gradual e de abertura que se propunha, decorrentes da mobilização da sociedade. O fato, e o conhecimento desse fato, mudam drasticamente a leitura que se faz do poema, bem como a luz sobre os propósitos da publicação que acabava de vir a público, e a forma como irão colocar em prática esses propósitos. Nesse sentido, o poema de Walnice é revelador, e pensamos

que não há como se tratar de uma coincidência. Não se pode afirmar, é verdade, que tenha sido escrito realmente na data assinalada ou se esta é uma cifra, no entanto, quem viveu aqueles anos entende a referência e, por consequência, o propósito; as gerações seguintes vão entendê-lo como um simples poema, a não ser que desconfiem. Para tanto, há que se considerar, entre outros aspectos, que: o espaço dedicado à poesia em *Almanaque* não é generoso, além de irregular, se assim podemos dizer; que este é o único poema datado, inclusive dentre os demais da mesma Walnice Galvão publicados na revista; e que seus colaboradores ou editores não costumavam publicar poesia de autoria própria, o que nos leva à desconfiança, sobretudo se temos acesso à totalidade de suas edições, e se temos conhecimento a respeito do seu contexto histórico.

Tampouco temos notícia se à época, pelo menos em círculos restritos, circulou a informação a respeito da motivação do poema e a consequente decisão de publicá-lo na primeira edição da revista. O que queremos dizer é que fica clara a intenção da publicação a partir da leitura do poema. Fica evidente também que nem sempre a proposta de um grupo que decide lançar uma revista se declara de maneira explícita, em especial se há interdição, e também isso não será feito obrigatoriamente por meio de um editorial. E *Almanaque* tem dois editoriais de primeiro número, além do poema que se configura ele próprio em um editorial, o mais eloquente deles e o mais conforme com a proposta da revista, aquele que permite que se possa dizer que *Almanaque* surge de uma necessidade de dizer, dizer de Herzog, dizer do horror que ainda se vivia, tão velado quanto os sentidos ocultos nas páginas das revistas do período. Quanto aos demais poemas da seção, os quais são de autoria de Rubens Rodrigues Torres Filho, estão em sintonia com o de Walnice, reforçando e reverberando o seu dizer.

Coordenada por Walnice Galvão e Bento Prado Junior, e tendo por principais membros da mesa de redação Ligia Chiappini, Roberto Schwarz, Marilena Chauí, Paulo Arantes e Rubens Rodrigues Torres Filho, a paulista *Almanaque - cadernos de literatura e ensaio* surge em 1976, na sequência do fim de *Argumento*, gestada também no âmbito da mesma universidade, dialogando com sua antecessora de maneira muito particular. Seus editores e redatores são professores e discípulos de Antonio Candido, ou seja, uma elite acadêmica. A revista teve quatorze números publicados (de 1976 a 1982), e duas fases: a primeira do número um ao sete; a segunda, do oito ao quatorze), que evidenciam sua trajetória do que poderíamos chamar de revista acadêmico-literário-cultural, até o

momento em que se institui como efetivamente acadêmica, guardadas as devidas proporções e consideradas suas especificidades em relação a estas, como as concebemos hoje. Essa elite da academia paulista, assim como o grupo de *Argumento*, e diferente do que ocorreu com a maior parte das revistas culturais e literárias do período - ou de todos os períodos, não enfrentou, pensamos, dificuldades para concretizar seu objetivo, considerando-se os recursos materiais de que dispunha. Tampouco dependia de publicidade externa, foi publicada pela Editora Brasiliense, de propriedade de Caio Prado Junior, reconhecido intelectual, pai de Bento Prado Júnior, um dos coordenadores de *Almanaque*. As dificuldades enfrentadas foram de outra ordem e, nesse sentido, estas eram compartilhadas com as demais publicações do momento, a interdição ou cerceamento à livre manifestação do pensamento.

Com uma tiragem média de 3000 exemplares, formato revista, e com quase ausência de imagens, o que pode parecer inusitado para uma publicação autointitulada almanaque - e isso já deveria causar desconfiança, *Almanaque* não tinha periodicidade fixa, publicou entre uma e três edições por ano⁶ até encerrar sua trajetória. Sobre a singularidade do nome da revista, que causa estranhamento, muito já se cogitou a respeito. Chamada de *Cadernos de literatura e ensaio* na própria capa, como subtítulo, e em seu editorial, pode-se questionar a ambiguidade e a oposição entre título e subtítulo. Cada número seria uma edição periódica de um almanaque: de variedades, curiosidades, efemérides, nos moldes conhecidos; ou haveria apenas o aproveitamento de uma forma, a de almanaque, como gênero ou suporte? *Almanaque* contém os cadernos de literatura e ensaio ou, o contrário disso? Claro está, pensamos, que a motivação está no aproveitamento da forma para se dizer o interdito, o que se pode concluir a partir da observação e estudo desse periódico. No entanto, quer-nos parecer que não seria assim tão simples, há complexidade no projeto, que vai além da possibilidade de driblar a censura, ou de provocar a academia em seus moldes tradicionais, seja ela uma intenção deliberada ou consequência do próprio movimento. E essa ambiguidade será característica marcante e necessária para a circulação da revista e sua permanência.

É bem verdade que no que diz respeito à censura os tempos já começavam a ser outros, mas *Almanaque* não esteve livre de fato, sua aparente liberdade foi conquistada por estratégias inteligentes de discurso

⁶ 1976 (2); 1977 (3); 1978 (3); 1979 (2); 1980 (1); 1981 (2); 1982 (1).

e de projeto editorial. Quanto à atitude que tem em vista a crítica à academia, observamos que, além de não conseguir subverter ou escapar totalmente ao modelo - considerando sobretudo a origem e o espaço de circulação e atuação do grupo, *Almanaque* se configura cada vez mais em uma revista acadêmica. A partir do seu número oito, publicado no final de 1978, o periódico assume efetivamente essa *vocação*, ao priorizar o ensaio em seus moldes mais tradicionais, publicando edições temáticas, verdadeiros dossiês, privilegiando temas de literatura e filosofia. E, nesse sentido, aproxima-se ainda mais de sua antecessora, *Argumento*, dando continuidade ou atualizando o projeto desta.

No entanto, *Almanaque* - Cadernos de literatura e ensaio *argumenta*, em especial em um primeiro momento, a partir de outra forma, camuflada: a da entrelinha. E isso já está muito claro em seu singular editorial bipartido, e não nomeado como editorial, presente em seu primeiro número. Trata-se de uma *apresentação*, na abertura do número, e de uma *desapresentação*, ao final do volume, as quais se contradizem de certa forma, e contrastam, traduzindo a proposta da revista: confundir e confiar no leitor, confiar que ele saiba ler, que desconfie.

Portanto, à página sete, seguindo-se de imediato ao sumário, encontramos a apresentação, não apenas do número, mas do projeto, um editorial, o qual se caracteriza pela linguagem que se pretende coloquial e *graciosa*: um “escrever em vão” que, ao mesmo tempo, incentiva o leitor a ter “paciência para estudar a proposta e ver onde atingem algumas palavras deflagradas.” Lancemos um olhar à totalidade da apresentação e, após, à *desapresentação*. Vale a pena reproduzi-las na íntegra.

APRESENTAÇÃO

A que vem mais uma publicação lítero-especulativa, no panorama já trepidante da vida cultural do país? – perguntará com razão o leitor, enrolando nervosamente um chumaço de cabelos no alto da cabeça (ah, esse hábito de cultivar⁷ textos teóricos cada vez mais densos à custa de cabeleiras cada vez mais ralas). Se, porém, admitir que só se escreve em vão, que o pleno não absorve letra nem til, cedilha nem hífen, terá mais paciência para estudar a proposta e ver onde atingem algumas palavras deflagradas. Crítica da cultura é a fórmula que poderá usar então, se, afeito à compartimentação universitária do saber, tiver dificuldade em localizar esse lugar celeste onde confluem formações tão

⁷ Conforme grafado no original.

dísparos, em um discurso tão disparatado. Mas se quiser achar seu lugar terrestre, erra em procurar demais. O que se ensaia, salvo erro, é esse exercício anti-econômico, sem programa, errante, sem precedente, sempre excedente – do prazer e da liberdade da escrita, da imaginação e do pensamento: ensaios de *contra-dicção*. Verá que são *Cadernos* de efeito. Inútil indagar por suas causas. Também não vêm preencher nenhuma lacuna. Criam sua própria lacuna. Ou não. (p. 7)

Em suas primeiras linhas já identificamos uma preocupação que é uma constante nessa espécie de publicação. A pergunta que todas elas tentam responder que é a de justificar a sua existência em meio a tantas outras publicações de mesma natureza ou de natureza semelhante: para quê e a que vem essa revista, seu diferencial. Essa é a grande questão e aqui uma necessidade, uma oportunidade de *advertir* que não se trata de uma publicação *para ser levada a sério*, que não seria motivo de preocupação para censores. Nesse sentido, o editorial é um primor de ambiguidade, feito para ser decifrado. E tem sucesso na missão de despistar, apresentando-se como algo desprezioso, leve e brincalhão, sem profundidade, leitura leve e inconsequente para passar o tempo com curiosidades e variedades, característica do formato almanaque.

O editorial tenta denotar despreocupação em relação a sua natureza ou proposta, mas para aqueles que têm necessidade de uma classificação, ou estão excessivamente condicionados à compartimentação do saber da academia, os editores de *Almanaque* consentem em propor uma alternativa, embora *não levem a sério* essas questões de classificação e nomenclatura: “Crítica da cultura é a fórmula que poderá usar então, se, afeito à compartimentação universitária do saber, tiver dificuldade em localizar esse lugar celeste onde confluem formações tão dísparos, em um discurso tão disparatado”. No entanto advertem: “Mas se quiser achar seu lugar terrestre, erra em procurar demais”, pois “o que se ensaia, salvo erro, é esse exercício anti-econômico, sem programa, errante, sem precedente, sempre excedente – do prazer e da liberdade da escrita, da imaginação e do pensamento”. Ensaaios de *contra-dicção*, como definem, acrescentando: “Verá que são *Cadernos* de efeito. Inútil indagar por suas causas”. E fazem questão de destacar que seu objetivo não é o de preencher lacunas - embora sempre seja, além de outras motivações, especialmente considerando-se o contexto de época. *Ou não*, de acordo com as palavras que fecham o texto, o que lança a possibilidade da incerteza ou reforça o tom de inconsequência, de não se saber exatamente a que se propõe, deixando espaço para a retomada do editorial ao fim do volume.

Talvez possamos afirmar que a *desapresentação*, ao final, fechando o número, à página setenta e cinco, e cotejada com a apresentação, aporte elementos para que de fato seja possível ao leitor que desconfia – ou *procura*, entenda os propósitos do grupo. Quantos chegarão a ler o texto no fim do volume? E os que chegam a ler, confirmam suspeitas de leitura, ou se surpreendem? Talvez a aposta seja justamente essa: apenas leitores - não os burocratas do regime, chegarão até lá ou ao seu sentido. Verso e reverso, duas faces, o que está visível e o velado: a *desapresentação* desdiz ou contradiz a apresentação, ao relativiza-la.

DESAPRESENTAÇÃO

Ou sim. Vêm criar sua própria lacuna. É útil indagar por suas causas, já que ficam sem efeito. A contradição ou a essência deste ensaio: ensaio, apenas, de uma escrita do prazer e da liberdade. O que se salva, ensaio e erro, nunca é sem precedente, rumo ou ganho. Procure, sim, leitor. Contrafeito a demitir letra e til, cedilha e hífen, verá que só se escreve em não. Utopias. Ah, esse hábito de cultivar cabeleiras cada vez mais densas à custa de textos teóricos cada vez mais ralos. Sem razão, leitor, não arranque os cabelos. A isto não vêm uns Cadernos lítero-especulativos a mais ou a menos, já mais a menos, jamais amenos. (p. 75)

É aqui que podemos vislumbrar de fato a que vem a publicação, sua natureza, sua essência, e entender o seu projeto: *escrever em não*, amplamente *em não*, de forma alternativa, posicionando-se contra, inclusive, sua própria *origem*, os rumos da academia e seus pares. E que, sim, há um propósito em sua iniciativa. É inútil indagar, mas “procure, sim, leitor”, e será possível, então, entender seu discurso, e o *dito*, a partir de recursos tão diversos quanto são as modalidades textuais presentes em um almanaque. No entanto, o Almanaque e os Cadernos de literatura e ensaio, não se misturam de fato: o que se apresenta é uma revista que é um almanaque, face visível do projeto para um determinado grupo de possíveis leitores; e os cadernos de literatura e ensaio, face visível do projeto para outro grupo de leitores. No final das contas ela é ao mesmo tempo, não os dois, mas algo entre eles e além deles.

Muito dessa ambiguidade constitutiva da revista advém do seu discurso, conforme já afirmado, do recurso à ironia e à sátira, da ficção que se finge verdade e do real travestido de humor ou de banalidade. A forma pode ser: a do ensaio acadêmico em sentido estrito, a do manifesto, jogos, horóscopo, além de resenhas e cartas que são pura ficção com aparência de

verdade factual. Ou mesmo da ficção propriamente dita, algumas vezes, trechos de obras literárias, como os seis capítulos do romance *Quatro olhos*, de Renato Pompeu, publicado em livro também em 1976, os quais são apresentados no número um da revista (p. 28-43), sem que se informe sua procedência ou esse vínculo, aparecendo intitulado apenas como “O romance (fragmento de um romance)”. Esses jogos, como bem observado por estudiosos que se dedicaram à sua investigação, a exemplo de Renata Telles (1997), no entremeio dos textos, acabam por criar “a imagem de um grupo de redação e coordenação anárquico, que usa a máscara universitária para alcançar um efeito de verossimilhança para a sua ficção” (p. 25), como o que se verifica em “Glória precoce: *Almanaque* objeto de tese” (*Almanaque*, n.6, p.108-109), resenha a propósito de suposta tese acadêmica versando sobre a revista. Tese que, sabe-se, não existiu de fato. Pelo menos não naquele momento, *precocemente*⁸.

De certa forma também *Almanaque* está a meio caminho entre a revista cultural/literária e a acadêmica, mas dissimula esse aspecto, a partir do embaralhamento dos gêneros e do discurso. Colocando-se como *alternativa*, o *manifesto* em *Almanaque* existe, camuflado, assim como o ponto de vista do grupo. A partir do ano de 1979 seus números passam a ser temáticos, resultado - entre outros fatores, de desentendimentos internos quanto à linha editorial, posicionamentos conflitantes, dissidências. O número oito, publicado nesse ano e dedicado a Antonio Candido, marca um giro também no que diz respeito ao visual da revista. *Almanaque* se *sofística*, mas perde características que marcaram sua primeira fase, como seu caráter *lúdico*. Sai Roberto Schwartz, por exemplo, e não há mais manifestos de crítica literária. O motivo seriam questões relativas à equipe editorial apenas? Seu número doze, inclusive, traz reforços a essa equipe, substituindo os dissidentes. Curiosamente, com a progressiva abertura, sua publicação é descontinuada e a revista desaparece. Teria cumprido já sua função?

De qualquer forma, acreditamos que *Almanaque* cumpre o seu propósito, consegue o feito de driblar a censura, veiculando o pensamento de seu grupo, durante o tempo em que foi necessária, encerrando sua trajetória sem ser premiada pelas circunstâncias políticas. Pode-se dizer,

⁸ Em 1999, Renata Telles defende Dissertação de Mestrado intitulada “Glória precoce: *Almanaque* objeto de tese”, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, sob orientação da Prof^a. Maria Lucia Camargo, reconhecida estudiosa das revistas brasileiras.

inclusive, que além de cumprir seu propósito, completa o de *Argumento*, considerando-se que esta última ainda tinha o que dizer quando foi impedida de circular. Um duplo papel cumpre *Almanaque*, portanto: com a primeira fase, denúncia; com a segunda, a disseminação do pensamento científico a partir das revistas acadêmicas.

4 Considerações finais

Em carta de 8 de novembro de 1973, dirigida ao amigo Antonio Candido, Ángel Rama acusa o recebimento do primeiro número publicado da Revista *Argumento*:

Querido Antonio,

Recibí hoy la revista, ¡que es linda!, con ese formato de biblioteca (aunque habría entonces que poner título y número en el lomo) que quizás no se compagine mucho con el estilo de la publicación que es mucho más vivaz, variado y ameno que las típicas revistas de biblioteca. El material es bueno, variado, al día, cerca del semanario intelectual, con sus reportajes, atención por espectáculos, actualidades, aunque todo puesto en buen papel, buen diseño, buena impresión. (p. 63)⁹

Acusando a impressão que esta lhe havia causado e comentando alguns artigos que lhe chamaram a atenção, em especial o do próprio Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, que afirma ser realmente excelente, Rama agrega: “y digo esto como si me elogiara a mí mismo. Me produce cierto asombro comprobar cómo caminamos por sendas paralelas, que creo se deben a perspectivas críticas similares. [...]” (p. 63), evidenciando não apenas a sintonia entre o brasileiro e o uruguaio, mas sobretudo o quanto essa relação é determinante para os rumos das letras latino-americanas, além da relevância do papel que exercem as revistas nesse sistema, ao conformar extensas redes entre o pensamento intelectual de suas nações, entre aqueles que se dedicam a pensar a América Latina, buscando uma efetiva integração entre os sujeitos empenhados nesse processo. E as palavras de Rama, ainda na carta do dia 8 de novembro não deixam margem a dúvidas:

⁹ Todas as referências à correspondência entre os autores foram extraídas de - em espanhol (ROCCA, 2016); - em português (ROCCA, 2018).

Como para mí coincidir contigo es la corroboración de que no me equivoco, te imaginas la alegría que me produjo leerle. Tenía razón yo cuando insistía en que debemos formar eso equipo latinoamericano, coherente y serio, de estudiosos, capaces de trabajar a la par de sociólogos y antropólogos¹⁰, en la tarea de pensar a nuestra cultura y a nuestra América. (p. 63-64)

No diálogo epistolar entre os estudiosos, que tem início logo após seu primeiro encontro, as revistas são tema constante. A própria relação que se estabelece entre os ambos os teóricos, desde o momento inicial, envolve o trabalho para uma publicação periódica: o semanário uruguaio *Marcha*¹¹, que tinha sua seção literária sob a responsabilidade de Ángel Rama, para quem Antonio Candido concede uma entrevista em Montevideo, quando ali esteve em 1967. O interesse do uruguaio pelo tema é evidente e se destaca nas conversas entre eles. A Candido também o tema é caro, se *Argumento* ainda não havia sido gestada, a experiência do brasileiro com as revistas vinha já de seus tempos de *Clima*. O envio de exemplares dos periódicos aos quais se dedicaram ao longo dos anos de correspondência entre eles era uma constante.

No que diz respeito à *Argumento*, a correspondência entre os autores nos revela todo o processo que envolve o seu surgimento, *os obstáculos em seu caminho*, bem como os eventos que determinam o seu desaparecimento forçado, e também o sentimento, particularmente o de Candido, em relação aos fatos. Temos acesso a essa informação em um nível pessoal, que contrasta com as declarações mais formais que circularam a respeito, em especial naquele momento, em que estas nem podiam ser feitas livremente. É um Antonio Candido entusiasmado que escreve a Ángel Rama em outubro de 1973 manifestando sua satisfação com a recepção à *Argumento*:

A revista saiu no dia 2, com 25.000 exemplares e esgotou quase que imediatamente. Há sem dúvida uma sede em relação a publicações onde se manifeste, mesmo discretamente, uma atitude de oposição. A polícia apreendeu exemplares em diversos lugares, mas ainda não sei em que proporção. (p. 74)

¹⁰ Conforme grafado no original.

¹¹ Publicação periódica uruguaia, o Semanário *Marcha* (1939-1974), de linha independente e crítica, foi dirigida por Carlos Quijano e contou com colaboradores de renome nos meios acadêmicos e na imprensa em geral.

Infelizmente, é outra a situação seis meses depois, quando sabemos, pelas palavras de Rama, que *Argumento* enfrentava problemas com a censura: “[...] tuvimos aquí, en casa, a Fernando Henrique Cardoso quien nos contó las complicaciones habidas con el cuarto número de la revista y su esperanza de que esos días se resolvieran favorablemente [...]”. (Rama, em 17 de abril de 1974, desde Caracas, p. 67)

Em agosto de 1975 é imposta à *Argumento* censura prévia, no período em que supostamente já se vivia o que foi oficialmente chamado de abertura lenta e gradual, a qual, na prática, tinha pouco ou nenhum efeito. Seguiram-se durante muito tempo, ainda, as prisões de opositores ao regime, perseguições e censura a jornalistas e órgãos de imprensa, e toda espécie de medida arbitrária e repressiva. Em carta de 7 de setembro desse mesmo ano, Candido dá conta a Rama da situação da revista, cujo último número havia saído em fevereiro do ano anterior:

O Supremo Tribunal Federal não acolheu o mandado de segurança de *Argumento*, passando por cima não apenas da lei, mas da decência. Foi uma decisão histórica, que deixou praticamente caminho livre para as autoridades policiais usarem os poderes excepcionais do Presidente contra publicações de qualquer tipo. Fizemos um protesto, mas os jornais não publicaram. Está cada vez mais difícil exprimir o pensamento aqui. (p. 103)

Pouco mais de dois meses após, em 25/10/75, é morto Wladimir Herzog, o que alimenta ainda mais a movimentação e a pressão nas ruas contra as arbitrariedades do regime. *Almanaque* – Cadernos de literatura e ensaio, que faz referência ao episódio em seu primeiro número, a partir do poema de Walnice Galvão, conforme destacamos, começa a circular, como vimos, em 1977. Alguns duros anos ainda seriam necessários até que fosse revogado o Ato Institucional nº 5, em 1978, e mais alguns outros até que recuperássemos o direito à voz.

Herdeira de *Argumento*, *Almanaque* mantém com sua antecessora vínculos muito específicos. Um deles é o fato de terem sido gestadas no interior da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo-USP, em um momento em que as universidades assumiam cada vez maior protagonismo em nossa sociedade, ampliando seu alcance, firmando-se não apenas como espaço do pensamento e da atividade intelectuais, mas igualmente como espaço de mobilização política. Esse é também o

momento em que as revistas acadêmicas começam a se fazer notar, de fato, como instrumentos importantes de divulgação científica. Ambas as revistas, ainda, são periódicos de circulação nos meios universitários. *Almanaque*, por exemplo, era comercializada em livrarias, especialmente as das universidades. Haveria já uma intenção deliberada de dirigi-las a esse público específico? Por que não se propunham mais abrangentes? Já se fazia clara a intenção de privilegiar o ensaio mais ou menos acadêmico em detrimento da literatura propriamente dita? São perguntas que por ora carecem de resposta, e estas não se encontram em suas páginas.

Há muitos pontos de contato entre as duas publicações, conforme salientamos. No entanto, *Almanaque* é mais longeva que sua antecessora e que outras publicações do período. O que nos faz indagar sobre os motivos pelos quais isso ocorre, para além do fato de *Almanaque* ter circulado já em um momento um pouco mais favorável do ponto de vista político. Seria especificamente por seu projeto editorial, ou talvez pelo fato de ter entendido que deveria buscar outros rumos, alteradas as circunstâncias do contexto, que legitimavam a circulação de uma revista com as características de seus primeiros números? Também há que se considerar o fato de que o grupo, a princípio, dispunha de recursos que permitiam que seguisse sendo editada e mantida sua circulação. Talvez possamos dizer que é o conjunto desses fatores que determinam essa maior longevidade.

Nem *Argumento* nem *Almanaque* anunciam seu fim, o que não causa surpresa, pois em geral são poucas as publicações do gênero que conseguem espaço para esse anúncio, considerando-se que deixam de circular repentinamente, por motivos de força maior, como é o caso de *Argumento*, ou mesmo sem que haja um motivo claro para isso, como *Almanaque*. Entre a circulação mais espaçada e a constatação de que seu papel já se havia cumprido, entre outras razões, observamos que de alguma maneira todas elas cumprem um propósito e dizem do seu momento, que é o seu legado.

Considerado um período em que as revistas foram particularmente representativas, em especial em seu papel de resistência ao regime instituído, observamos que, após a abertura, e mesmo durante o momento em que esta começava, lentamente, a dar sinais de que viria a ser uma realidade, de fato, dezenas de iniciativas mais nesse sentido surgem, e seguem surgindo. No entanto, característica primeira das publicações periódicas dedicadas à literatura e cultura, estas se configuram em publicações com objetivos e projetos distintos daqueles das publicações da

década anterior, com direcionamentos outros. É outro o contexto político, social e cultural e, nesse *presente*, outras formas de jornalismo cultural se impõem, como o crescente protagonismo dos suplementos de cultura dos jornais diários, espaço para o debate a propósito de temas e *revoluções* culturais e sociais, o que de certa forma segue sendo resistência.

Referências

CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Não há sol que sempre dure. *Revistas Literárias Brasileiras: Anos 70. Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 3, n.31, p. 18-31, 1998.

CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: CHIAPPINI, Lígia. e AGUIAR, Flávio. *Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional*, 9 a 13 de setembro de 1991. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Travessia*, n.40, *Outra Travessia*, n. 1, p. 67-74, 2003.

ROCCA, Pablo. Por qué para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). In: SOSNOWSKI, Saúl. (Org.). *Hispanamérica*, Año 33, No. 99 (Dec., 2004), p. 3-19.

ROCCA, Pablo (org.). *Un proyecto Latinoamericano. Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*. Montevideo: Estuario, 2016.

ROCCA, Pablo (org.). *Conversa Cortada: a Correspondência entre Antonio Cândido e Ángel Rama - O Esboço de um Projeto Latino-Americano (1960-1983)*. Trad. de Ernani Ssó. São Paulo: Edusp, 2017.

SANTIAGO, Silviano. A década de onze anos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 jan. 1980. Caderno *Folhetim*, “Os anos 70”, n. 16, p. 2.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n°9-10, 1992, p. 9-16. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970.

TARCUS, Horacio. El ciclo histórico de las revistas latinoamericanas. Trazos de una genealogía. *Nueva Sociedad* n° 291, enero-febrero de 2021, p. 194-207.

TELLES, Renata. Percurso de herdeiro: Almanaque - Cadernos de literatura e ensaio. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 4, n. 5, p. 14-20, 2001.

Periódicos

Almanaque – Cadernos de literatura e ensaio (1976-1982)

Argumento – Revista mensal de cultura (1973-1974)

Clima (1941-1944)

Folhetim – Suplemento dominical de cultura da *Folha de S.Paulo* (1977-1989)

Marcha (1939-1974)

Anima – Revista bimestral de cultura (1976-1977)

Religião e sociedade (1977-)

Oitenta (1979-1984)

Data de submissão: 30/04/2022

Data de aprovação: 13/07/2022